

O TEMA DA MOBILIDADE HUMANA NO DOCUMENTO DE APARECIDA*

V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe

Aparecida, 13-31 de maio de 2007

Carmem Lussi♦

Introdução

A contribuição do Documento de Aparecida (DA) para a pastoral missionária em contexto de mobilidade humana, seja para as igrejas locais de chegada, que para as de origem e as de trânsito de migrantes, itinerantes e refugiados vai muito além do que literalmente dizem os números do DA que citam explicitamente tal referência. A contribuição por excelência está na inclusão do tema da mobilidade humana com muitas referências explícitas e implícitas dentro do documento, como tema intrínseco à realidade e à missionariedade das igrejas da América Latina e do Caribe. Recolhendo e desenvolvendo a reflexão a partir da herança da grande intuição de João Paulo II na *Redemptoris missio* n. 37, o DA coloca o tema das diversas formas de mobilidade, desde o refúgio até mesmo ao turismo, como campo e atores que desafiam, interpelam e motivam a ação dos discípulos missionários de Cristo, nas suas diferentes instâncias, individuais, como batizados; e comunitárias, com foco especial na igrejas locais de destino dos fluxos populacionais.

Na *Redemptoris missio* a migração é apresentada, juntamente com a urbanização, a juventude e a pobreza, como âmbitos novos da missão da igreja, caracterizados como mundos e fenômenos sociais novos. Efetivamente, no ano de 1990¹, muitos dos indicadores destes novos fenômenos citados pelo papa se apresentavam com forte característica de novidade, que já é superada quando é celebrada a Conferência de Aparecida, 17 anos depois. Todavia, vale lembrar que os sinais dos tempos permanecem tais até que não são lidos e assumidos como desafios intrínsecos à vida e missão da igreja; e, portanto, adotados como campo missionário e ao mesmo tempo como espaço para a leitura de fé da realidade contemporânea e para a vivência da fé nas relações, nos investimentos e nas lutas dos batizados e das comunidades.

Redemptoris missio n. 37b: b) *Mundos e fenômenos sociais novos.* As rápidas e profundas transformações que caracterizam o mundo de hoje, particularmente no Hemisfério Sul, influem decididamente no quadro missionário: onde antes as situações humanas e sociais eram estáveis, hoje tudo está em movimentação. Pensemos, por exemplo, na urbanização e no massivo aumento das cidades, especialmente onde é mais forte a pressão demográfica. Em muitos Países, mais de metade da população vive em algumas megalópoles, onde os problemas do homem frequentemente pioram, entre outras razões, por causa do anonimato em que ficam imersas as multidões. Nos tempos modernos, a atividade missionária desenvolveu-se sobretudo em regiões isoladas, longe dos centros civilizados e inacessíveis por dificuldades de comunicação, de língua e de clima. Hoje a imagem da missão *ad gentes* está talvez a mudar: lugares privilegiados deveriam ser as grandes cidades, onde surgem novos costumes e modelos de vida, novas formas de cultura e comunicação que depois influem na população. É verdade que a “escolha dos menos

* Documento Final encontrado no site:

<http://redelatina.marista.edu.br/VConfer%C3%AAnciaCELAM/Portugu%C3%AAs/DocumentoVers%C3%A3oAparecida/tabid/248/Default.aspx> Acesso em 07 de dezembro de 2007. A antologia foi preparada em janeiro de 2008 por Carmem Lussi, diretora do Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – CSEM, de Brasília – www.csem.org.br. Texto disponibilizado no site do CSEM http://www.csem.org.br/artigos_port_tologia_08.html em agosto de 2008.

♦ Religiosa missionária scalabriniana. Missióloga. Diretora do Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – CSEM, de Brasília – www.csem.org.br. Veja-se a antologia completa dos textos sobre a mobilidade humana, preparada pela mesma autora, no site do csem: http://www.csem.org.br/artigos_port.html#

¹ Ano da publicação da *Redemptoris missio*.

afortunados” deve levar a não descuidar os grupos humanos mais isolados e marginalizados, mas também é verdade que não é possível evangelizar as pessoas ou pequenos grupos, descuidando os centros onde nasce — pode-se dizer — uma nova humanidade, com novos modelos de desenvolvimento. O futuro das jovens Nações está-se a formar nas cidades. Falando de futuro, não é possível esquecer os jovens que, em numerosos Países, constituem mais de metade da população. Como proceder para que a mensagem de Cristo atinja esses jovens não cristãos, que são o futuro de inteiros Continentes? Evidentemente já não bastam os meios tradicionais da pastoral: são necessárias associações e instituições, grupos e centros específicos, iniciativas culturais e sociais para os jovens. Eis um âmbito onde os modernos Movimentos eclesiais têm largo campo de ação. Entre as grandes transformações do mundo contemporâneo, as migrações produziram um novo fenômeno: os não cristãos chegam em grande número aos Países de antiga tradição cristã, criando novas ocasiões para contactos e intercâmbios culturais, esperando da Igreja o acolhimento, o diálogo, a ajuda, numa palavra, a fraternidade. De entre os emigrantes, os refugiados ocupam um lugar especial e merecem a máxima atenção. São já muitos milhões no mundo e não cessam de aumentar: fogem da opressão política e da miséria desumana, da fome e da seca que assume dimensões catastróficas. A Igreja deve acolhê-los no âmbito da sua solicitude apostólica. Por fim, lembramos as situações de pobreza, frequentemente intoleráveis, que se criam em bastantes Países, e estão muitas vezes na origem de migrações em massa. Estas situações desumanas desafiam a comunidade cristã: o anúncio de Cristo e do Reino de Deus deve tornar-se instrumento de redenção humana para estas populações.

O DA insiste sobre ambos interlocutores, seja individuais que coletivos, para essa missão evangelizadora no âmbito social da mobilidade humana, responsabilizando os batizados sobretudo para a acolhida e a integração das pessoas em mobilidade e as comunidades e instituições eclesiais, em especial, para o compromisso de promoção e defesa dos direitos humanos e da dignidade cristã sororal e fraterna em cada novo contexto eclesial onde as migrações e a busca por refúgio pode levar pessoas e povos.

O presente estudo, realizado a partir de uma antologia detalhada de todos os 28 (vinte e oito) números do DA que citam explicitamente o tema da mobilidade humana, desenvolve-se apresentando elementos de reflexão sobre os seguintes pontos: Visão dos movimentos populacionais; Riqueza desse fenômeno social para a vida e missão da igreja; Elementos para um planejamento pastoral-missionário em contexto de mobilidade humana; e, Compromisso pelos direitos humanos de migrantes, itinerantes e refugiados. Em cada item são citados os textos correspondentes encontrados no documento, com indicação do número do DA, seguidos de elementos de análise dos mesmos, sem alguma pretensão de uma interpretação exaustiva, mas somente indicando pistas para a missão. As recorrências são sublinhadas e citadas dentro de seu contexto para uma melhor compreensão do valor semântico que a expressão pode haver na intenção do narrador. Na conclusão aparecem alguns dos aspectos que chamam a atenção pelo silêncio com que são tratados no Documento.

1. Visão dos movimentos populacionais

Dos 28 números que contam com aspectos referentes à mobilidade humana, 12 (doze) são números da Primeira Parte do DA, no qual é apresentada a realidade. Segue a citação de todas as recorrências da Primeira Parte do DA:

43. Portanto, a realidade social que em sua dinâmica atual descrevemos com a palavra globalização, antes que qualquer outra dimensão, impacta a nossa cultura e o modo como nos inserimos e nos apropriamos dela. A variedade e a riqueza das culturas latino-americanas, desde aquelas mais originárias até aquelas que com a passagem da história e a mestiçagem de seus povos foram se sedimentando nas nações, nas famílias, nos grupos sociais, nas instituições

educativas e na convivência cívica, constitui um dado bastante evidente para nós o qual valorizamos como uma singular riqueza./.../

48. Nesta hora da América Latina e do Caribe, é imperativo tomar consciência da situação precária que afeta a dignidade de muitas mulheres. Algumas desde crianças e adolescentes, são submetidas a múltiplas formas de violência dentro e fora de casa: tráfico, violação, escravidão e assédio sexual; desigualdades na esfera do trabalho, da política e da economia; exploração publicitária por parte de muitos meios de comunicação social que as tratam como objeto de lucro.

56. /.../ A cultura mestiça, que é a mais extensa entre muitos povos da região, tem buscado em meios às contradições sintetizar ao longo da história estas múltiplas fontes culturais originárias, facilitando o diálogo das respectivas cosmovisões e permitindo sua convergência em uma história compartilhada. A esta complexidade cultural haveria que se acrescentar também a de tantos imigrantes europeus que se estabeleceram nos países de nossa região.

58. A cultura urbana é híbrida, dinâmica e mutável, pois amálgama múltiplas formas, valores e estilos de vida e afeta todas as coletividades. A cultura suburbana é fruto de grandes migrações de população, em sua maioria pobre, que se estabeleceu ao redor das cidades nos cinturões de miséria. Nestas culturas os problemas de identidade e pertença, relação, espaço vital e lar são cada vez mais complexos.

59. Existem também comunidades de migrantes que deixaram as culturas e tradições trazidas de suas terras de origem, sejam cristãs ou de outras religiões. Por sua vez, esta diversidade inclui comunidades que foram se formando com a chegada de diferentes denominações cristãs e outros grupos religiosos. Assim, assumir a diversidade cultural, que é um imperativo do momento, envolve superar os discursos que pretendem uniformizar a cultura, com enfoques baseados em modelos únicos.

65. Isto deveria nos levar a contemplar os rostos daqueles que sofrem. Entre eles estão as comunidades indígenas e afro-americanas que, em muitas ocasiões, não são tratadas com dignidade e igualdade de condições; muitas mulheres são excluídas, em razão de seu sexo, raça ou situação sócio-econômica; jovens que recebem uma educação de baixa qualidade e não têm oportunidades de progredir em seus estudos nem de entrar no mercado de trabalho para se desenvolver e constituir uma família; muitos pobres, desempregados, migrantes, deslocados, agricultores sem terra, aqueles que procuram sobreviver na economia informal; meninos e meninas submetidos à prostituição infantil ligada muitas vezes ao turismo sexual; também as crianças vítimas do aborto. /.../

73. Um dos fenômenos mais importantes em nossos países é o processo de mobilidade humana, em sua dupla expressão de migração e de itinerância em que milhões de pessoas migram ou se vêem forçadas a migrar dentro e fora de seus respectivos países. As causas são diversas e estão relacionadas com a situação econômica, a violência em suas diversas formas, a pobreza que afeta as pessoas e a falta de oportunidades para a pesquisa e o desenvolvimento profissional. Em muitos casos as conseqüência são de enorme gravidade em nível pessoal, familiar e cultural. A perda do capital humano de milhões de pessoas, de profissionais qualificados, de pesquisadores e amplos setores da agricultura, vai nos empobrecendo cada vez mais. A exploração do trabalho chega, em alguns casos, a gerar condições de verdadeira escravidão. Acontece também um vergonhoso tráfico de pessoas, que inclui a prostituição, inclusive de menores. Merece especial menção a situação dos refugiados, que questiona a capacidade de acolhida da sociedade e das igrejas. Por outro lado, no entanto, a remessa de divisas dos emigrados a seus países de origem tem se tornado uma importante e, às vezes, insubstituível fonte de recursos para diversos países da região, ajudando o bem-estar e à mobilidade social ascendente daqueles que conseguem participar com êxito neste processo.

82. Na América Latina e no Caribe vê-se com bons olhos uma crescente vontade de integração regional com acordos multilaterais, envolvendo um número crescente de países que geram suas próprias regras no campo do comércio, dos serviços e das patentes. À origem comum unem-se a cultura, a língua e a religião que podem contribuir para que a integração não seja só de mercados, mas de instituições civis e de pessoas. Também é positiva a globalização da justiça,

no campo dos direitos humanos e dos crimes contra a humanidade que permitirá a todos viver progressivamente sob normas iguais chamadas a proteger sua dignidade, sua integridade e sua vida.

88. Os indígenas constituem a população mais antiga do Continente. Estão na raiz primeira da identidade latino-americana e caribenha. Os afro-americanos constituem outra raiz que foi arrancada da África e trazida para cá como gente escravizada. A terceira raiz é a população pobre que migrou da Europa a partir do século XVI, em busca de melhores condições de vida e o grande fluxo de imigrantes de todo o mundo a partir de meados do século XIX. De todos estes grupos e de suas correspondentes culturas se formou a mestiçagem que é a base social e cultural de nossos povos latino-americanos e caribenhos, como já o reconheceu a III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano celebrada em Puebla, México³³.

90. Hoje, os povos indígenas e afros estão ameaçados em sua existência física, cultural e espiritual; em seus modos de vida; em suas identidades; em sua diversidade; em seus territórios e projetos. Algumas comunidades indígenas se encontram fora de suas terras porque elas foram invadidas e degradadas, ou não tem terras suficientes para desenvolver suas culturas. Sofrem graves ataques a sua identidade e sobrevivência, pois a globalização econômica e cultural coloca em perigo sua própria existência como povo diferentes. Sua progressiva transformação cultural provoca o rápido desaparecimento de algumas línguas e culturas. A migração, forçada pela pobreza, está influyendo profundamente na mudança de seus costumes, de relacionamentos e inclusive de religião.

99. Os esforços pastorais orientados para o encontro com Jesus Cristo vivo deram e continuam dando frutos. Entre outros, destacamos os seguintes:

a) Devido a animação bíblica da pastoral, aumenta o conhecimento da Palavra de Deus e do amor por ela. Graças à assimilação do Magistério da Igreja e a uma melhor formação de generosos catequistas, a renovação da Catequese tem produzido fecundos resultados em todo o Continente, chegando inclusive a países da América do Norte, Europa e Ásia, para onde muitos latino-americanos e caribenhos têm emigrado.

100. Apesar dos aspectos positivos que nos alegam na esperança, observamos sombras, entre as quais mencionamos as seguintes: /.../

e) O número insuficiente de sacerdotes e sua não equitativa distribuição impossibilitam que muitíssimas comunidades possam participar regularmente na celebração da Eucaristia. Recordando que a Eucaristia faz à Igreja, preocupa-nos a situação de milhares destas comunidades privadas da Eucaristia dominical por longos períodos de tempo. A isto se acrescenta a relativa escassez de vocações ao ministério e à vida consagrada. Falta espírito missionário em membros do clero, inclusive em sua formação. Muitos católicos vivem e morrem sem assistência da Igreja, à qual pertencem pelo batismo. Enfrentam-se dificuldades para assumir a sustentação econômica das estruturas pastorais. Falta solidariedade na comunhão de bens no interior das igrejas locais e entre elas. Em muitas das nossas Igrejas locais não se assume suficientemente a pastoral penitenciária, nem a pastoral de menores infratores e em situações de risco. É insuficiente o acompanhamento pastoral para os migrantes e itinerantes. Alguns movimentos eclesiais nem sempre se integram adequadamente na pastoral paroquial e diocesana; por sua vez, algumas estruturas eclesiais não são suficientemente abertas para acolhê-los.

Cabe salientar que os mesmos números poderão ser citados em outros itens, por trazerem elementos que vão além da leitura da realidade contemporânea. Todavia, no item sobre a visão da mobilidade humana subjacente ao DA, vale a pena favorecer um panorama mais vasto, que permita uma reflexão qualificada sobre o tema. Os indícios e as citações, normalmente, não são desenvolvidas no DA, por ter o documento outro objetivo e ser a citação somente como que pinceladas de um quadro bem maior que compõe o Documento como um todo; mesmo assim, valorizando cada contribuição dos Pastores e assessores e assessoras que escreveram o DA, sem querer alguma forma de abordagem literária ou fundamentalista, busca-se através da leitura

analítica, colher o melhor do que o documento pode registrar, das contribuições recebidas e/ou produzidas durante a Conferência.

1.1 A mobilidade é intrínseca à história dos povos latino-americanos

Mesmo sem usar o termo migração ou mobilidade, já no número 43, o DA indica uma consciência da pertinência direta e fundamental do tema, citando a diversidade cultural dos povos latino-americanos, interna à sua história e às micro-realidades sócio-culturais. Destas, o maior indicador citado é a mestiçagem, já exaltada por tantos estudiosos e literatos como uma das maiores singularidades que os povos americanos de hoje sabem e podem dar ao mundo. As migrações, na história da América Latina, trouxeram povos e culturas novas e fizeram – e fazem – com que estas se encontrem através de processos, nem sempre pacíficos e livres, de multiculturalismo e também de intercultural, produzindo povos e identidades novas que ousamos chamar de “latino-americanas”, mesmo sem possibilidades de defini-las em modo exaustivo. A mobilidade humana participou e sobretudo hoje participa de efetivação desta mestiçagem e de sua qualidade interativa e intercultural, na perspectiva da valorização das diversidades que a convenção para a proteção da diversidade cultural promove e celebra.² Apesar de o n. 56 do DA, surpreendentemente, sugerir que os povos da imigração européia não participam da cultura mestiça “da região”, provavelmente segundo a realidade de alguns dos países, é explicitamente citada a participação destes na formação da “complexidade cultural” na qual e com a qual a missão da igreja acontece. O n. 59 defende categoricamente a diversidade cultural e religiosa como valor, para a construção da qual a imigração contribuiu significativamente e o n. 88 apresenta a imigração de africanos antes e de europeus depois como as três raízes que formaram a “mestiçagem que é a base social e cultural dos nossos povos”.

Na leitura do texto do DA, chama a atenção que depois de assumir a realidade da mobilidade humana como intrínseca à história dos povos do continente, retorna-se a considerar que o fenômeno que produz migrantes, deslocados e refugiados na América Latina seja “novo” (n. 411); todavia, o que o texto chama a atenção é para a “novidade e dramaticidade” das causas de tais movimentos populacionais: “Na América Latina e Caribe os emigrantes, deslocados e refugiados sobretudo por causas econômicas, políticas e de violência constituem um fato novo e dramático”. Emerge, assim, uma visão global da mobilidade humana no contexto geral do continente e suas interligações com fatores macroestruturais, qual a gestão da economia e da política de seus países.

1.2 A mobilidade é marcada também por conflitos e perdas

Existe uma consciência sempre mais forte, nos âmbitos locais das igrejas que vivem mais intensamente a mobilidade espacial de seus membros, que a mobilidade humana não é uma categoria de pessoas a ser considerada à parte, como se consideram separadamente para assegurar assistência e promover direitos e potencialidades, na evangelização e na sociedade, outras categorias como as pessoas dependentes químicos ou as pessoas portadoras de deficiência. As pessoas que migram são jovens, crianças, adultas e idosas, têm ótima condição de saúde ou também podem estar doentes, caminham sozinhos/as ou em família, portam especificidades como a deficiência física ou a situação familiar, mas são sempre pessoas ou um grupo que têm direito à inserção efetiva e afetiva em um corpo eclesial e social, que a língua espanhola ama indicar utilizando preferencialmente o termo incorporação ao invés do integração, preferida pelo português, para indicar o processo de requalificação de subjetividade eclesial e cidadania nas novas realidades sócio-político-culturais onde os movimentos populacionais levam as pessoas, as famílias, os grupos humanos a se instalarem. Esta consciência e respectiva tendência nas estratégias pastorais e

² Ver texto integral da Convenção no site da UNESCO: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001502/150224POR.pdf>

missionárias, é ainda pouco teorizada mesmo que sempre mais presente nas realidades locais por incluir migrantes, itinerantes e refugiados no cuidado e na responsabilidade de todas as pastorais e favorecer a integração. A principal vantagem de uma abordagem assim mais holística do fenômeno da mobilidade humana, está no fato que os riscos, conflitos e perdas que esta produz ou à participa de alguma maneira como interlocutora ou como vítima, são assumidos em modo global, pois são os mesmos riscos, conflitos e perdas de milhões de outros latino-americanos/as que pouco ou nada migraram. Em o n. 402 o DA confirma claramente esta visão orgânica da pastoral migratória como intrínseca à pastoral de conjunto, afirmando que por todos os rostos sofridos do continente, inclusive os migrantes, os deslocados e os refugiados “a Igreja, com sua Pastoral Social, deve dar acolhida e acompanhar esta pessoas excluídas nas esferas a que correspondam”. Com a diferença que a mobilidade torna mais agudos certos desafios e vive outros novos, específicos da condição de mobilidade, itinerância ou busca por refúgio. O DA adota essa intrínseca relação que une, na pobreza e na exclusão, as pessoas migrantes a todas as outras em idênticas condições, para que uns e outras tenham vida, quais a cultura suburbana e os cinturões de miséria (n. 58) e a realidade dos rostos de sofrendores e sofrendoras, entre os quais os dos migrantes (n. 59, 402), entre outras.

Em sua primeira parte o DA indica outras características de conflitos e perdas específicos da mobilidade humana, quais: o tráfico de pessoas e o trabalho escravo (n. 48, 73 e 402); a violência unida à pobreza e à falta de oportunidades como causas das migrações e a situação particular dos refugiados (n 73); a ameaça à integridade e à sobrevivência de comunidades indígenas pela migração forçada a causa da pobreza (n. 90); entre outras. Enfim, faz-se memória que os católicos que migram necessitam de atenção pastoral específica enquanto migrantes e esta tarefa, assim como é desenvolvida atualmente, é considerada pelos pastores como “insuficiente” (n. 100).

1.3 A mobilidade humana é fator de desenvolvimento

Apesar do DA concentrar sua indicação nas remessas como principal fator de desenvolvimento, entre outros números pode-se colher sugestões de como os movimentos populacionais enriquecem quem migra e as sociedades e povos tocados por tais movimentos também socialmente e em nível religioso-cultural, profissional, etc. Os principais números que indicam tais contribuições são:

43. ./.../ A variedade e a riqueza das culturas latino-americanas, desde aquelas mais originárias até aquelas que com a passagem da história e a mestiçagem de seus povos foram se sedimentando nas nações, nas famílias, nos grupos sociais, nas instituições educativas e na convivência cívica, constitui um dado bastante evidente para nós o qual valorizamos como uma singular riqueza./.../

56. ./.../ A esta complexidade cultural haveria que se acrescentar também a de tantos imigrantes europeus que se estabeleceram nos países de nossa região.

73. Um dos fenômenos mais importantes em nossos países é o processo de mobilidade humana, em sua dupla expressão de migração e de itinerância em que milhões de pessoas migram ou se vêm forçadas a migrar dentro e fora de seus respectivos países. ./.../ Por outro lado, no entanto, a remessa de divisas dos emigrados a seus países de origem tem se tornado uma importante e, às vezes, insubstituível fonte de recursos para diversos países da região, ajudando o bem-estar e à mobilidade social ascendente daqueles que conseguem participar com êxito neste processo.

82. Na América Latina e no Caribe vê-se com bons olhos uma crescente vontade de integração regional ./.../ À origem comum unem-se a cultura, a língua e a religião que podem contribuir para que a integração não seja só de mercados, mas de instituições civis e de pessoas.

Na primeira parte do documento emergem como contribuição ao desenvolvimento, entre outros elementos, a diversidade cultural (n. 48 e 56); o fortalecimento (ou ao menos a possibilidade de) do processo de integração latino-americana através da integração de seus povos (n. 82); e, a ajuda das remessas (n. 73 e 416), apesar de hoje ser sempre mais discutida sua efetiva contribuição para o desenvolvimento, se consideradas as conseqüências a médio e a curto prazo nas relações, nos resultados humanos e profissionais dos recebedores de tais remessas, assim como o efetivo impacto sócio-econômico nos locais de destino das mesmas.

2. Riqueza deste fenômeno social para a vida e missão da igreja e da sociedade

Em sua Segunda Parte, que tem como título “A vida de Jesus Cristo nos Discípulos missionários”, três números citam aspectos da mobilidade humana, que nos permitem iniciar a compreender como este fenômeno é hoje riqueza para a igreja e para a humanidade toda:

128. Reconhecemos o dom da vitalidade da Igreja que peregrina na América Latina e no Caribe, sua opção pelos pobres, suas paróquias, suas comunidades, suas associações, seus movimentos eclesiais, novas comunidades e seus múltiplos serviços sociais e educativos. Louvamos ao Senhor por ter feito deste continente um espaço de comunhão e comunicação de povos e culturas indígenas. Também agradecemos o protagonismo que vão adquirindo setores que foram deslocados: mulheres, indígenas, afro-americanas, os homens do campo e habitantes de áreas marginais das grandes cidades. Toda a vida de nossos povos fundada em Cristo e redimida por Ele pode olhar para o futuro com esperança e alegria, acolhendo o chamado do Papa Bento XVI: “Só da Eucaristia brotará a civilização do amor que transformará a América latina e o Caribe para que, além de ser o Continente da esperança, seja também o Continente do amor!”⁶⁰.

170. Entre as comunidades eclesiais nas quais vivem e se formam os discípulos e missionários de Jesus Cristo as Paróquias sobressaem. Elas são células vivas da Igreja⁸¹ e o lugar privilegiado no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e a comunhão eclesial⁸². São chamadas a ser casas e escolas de comunhão. Um dos maiores desejos que se tem expressado nas Igrejas da América Latina e do Caribe motivando a preparação da V Conferência Geral, é o de uma corajosa ação renovadora das Paróquias, a fim de que sejam de verdade “espaços da iniciação cristã, da educação e celebração da fé, abertas à diversidade de carismas, serviços e ministérios, organizadas de modo comunitário e responsável, integradoras de movimentos de apostolado já existentes, atentas à diversidade cultural de seus habitantes, abertas aos projetos pastorais e supra-paroquiais e às realidades circundantes”⁸³.

231. Faz mais de quarenta anos que o Concílio vaticano II reconheceu a ação do Espírito Santo no movimento pela unidade dos cristãos. Desde então, temos colhido muitos frutos. Neste campo, necessitamos de mais agentes de diálogo e melhor qualificados. É bom tornar mais conhecidas as declarações que a própria Igreja Católica tem subscrito no campo do ecumenismo desde o Concílio. Os diálogos bilaterais e multilaterais têm produzido bons frutos. Também é oportuno estudar o Diretório ecumênico e suas indicações em relação a catequese, a liturgia, a formação presbiteral e a pastoral¹²⁶. A mobilidade humana, característica do mundo atual, pode ser ocasião propícia para o diálogo ecumênico da vida ¹²⁷.

Os textos sugerem múltiplas nuances sobre aspectos que podem ser desenvolvidos. Seguem três em particular, que falam diretamente à realidade eclesial das Igrejas da América Latina e que já são, efetivamente, elementos que somam testemunho, forças e experiência nos contextos locais onde o povo de Deus integra em seu seio também imigrantes e peregrinos, internos e internacionais.

2.1 Memória histórica

Apesar da Segunda Parte do DA não fazer referências diretas à história das migrações ou ao papel das migrações na história da igreja e dos povos do continente, outros números do documento sublinham explicitamente este aspecto. O primeiro elemento da riqueza que o DA reconhece às migrações refere-se à memória eclesial e cultural da imigração de povos que hoje integram a identidade cultural da região:

56. /.../ A esta complexidade cultural haveria que se acrescentar também a de tantos imigrantes europeus que se estabeleceram nos países de nossa região.

59. Existem também comunidades de migrantes que deixaram as culturas e tradições trazidas de suas terras de origem, sejam cristãs ou de outras religiões. Por sua vez, esta diversidade inclui comunidades que foram se formando com a chegada de diferentes denominações cristãs e outros grupos religiosos. Assim, assumir a diversidade cultural, que é um imperativo do momento, envolve superar os discursos que pretendem uniformizar a cultura, com enfoques baseados em modelos únicos.

88. Os indígenas constituem a população mais antiga do Continente. Estão na raiz primeira da identidade latino-americana e caribenha. Os afro-americanos constituem outra raiz que foi arrancada da África e trazida para cá como gente escravizada. A terceira raiz é a população pobre que migrou da Europa a partir do século XVI, em busca de melhores condições de vida e o grande fluxo de imigrantes de todo o mundo a partir de meados do século XIX. De todos estes grupos e de suas correspondentes culturas se formou a mestiçagem que é a base social e cultural de nossos povos latino-americanos e caribenhos/.../.

377. /.../ tantos emigrantes e missionários que trouxeram a fé cristã a nossa América.

Trata-se de uma memória registrada repetidas vezes no DA, sem muitos comentários de análise do significado e do compromisso que a consciência de tal herança pode suscitar ou promover entre as comunidades cristãs da América Latina. Nem por isto, a riqueza dos textos empobrece, pelo contrario, é entregue, como todo o Documento, à sábia acolhida e à fecunda reflexão de quem sabe ler nas migrações a providência de Deus “que guia os humanos destinos e os conduz para a meta”, de scalabriniana memória.³

2.2 Comunhão na diversidade

O n. 128 do DA, falando sobre a “vitalidade da Igreja que peregrina na América Latina e no Caribe” reconhece e exalta a “comunhão e comunicação de povos e culturas indígenas” que o Senhor operou no continente. No texto os pastores agradecem “o protagonismo das mulheres e dos homens deslocados” que, não somente enriquecem a igreja e a sociedade, mas com suas histórias e seus percursos humanos e sócio-culturais, constroem relações e agregações. Estas fazem deste continente variegado e complexo, uma sociedade – e muitas comunidades – onde a diversidade cultural e religiosa é um valor reconhecido, apesar de nem sempre ser suficientemente respeitado. No continente esses povos edificam, em meio a tantas lutas e dificuldades, uma igreja e muitas igrejas onde as diferenças são protegidas e integradas na perspectiva da eclesiologia de comunhão e do dialogo ecumênico (n. 321). O tema da diversidade como horizonte intrínseco aos percursos de busca de comunhão e integração aparece também no n. 170, onde o DA fala da visão de paróquia que os pastores querem e esperam promover. A paróquia, como célula vida da comunhão eclesial é

³ É conhecida a visão scalabriniana das migrações como apresentada, *in nuce*, nos textos de Scalabrini, sobretudo seu discurso em New York de 1900 e seu “testamento missionário” contido simbolicamente no memorial para a constituição de uma comissão pontifícia *Pro emigratis catholicis* enviado ao papa Pio X em 04 de maio de 1905, menos de um mês antes de sua morte. Todos os textos de Scalabrini sobre as migrações foram publicados em italiano no volume organizado por Silvano Tomasi e Gianfausto Rosoli. *Scalabrini e le migrazioni moderne. Scritti e carteggi*. Torino: SEI, 1997.

chamada a valorizar e respeitar a diversidade de carismas e de culturas “de seus habitantes”. Mesmo sem citar os movimentos populacionais, sabe-se que é nas paróquias o lugar onde o desafio da acolhida, da inclusão e da integração dos novos fiéis que Deus une à comunidade através da mobilidade humana se apresenta em modo mais concreto e viável. E a comunhão na diversidade, possível.

2.3 *Kairós*

O DA não esgota todos os aspectos deste *kairós* que a mobilidade humana é para a Igreja e para sua missão. Em o n. 231 a indicação é clara e pontual, enquanto indica na mobilidade humana uma “ocasião propícia para o diálogo ecumênico da vida”. Todavia, o primeiro e principal elemento deste fenômeno que produz uma situação favorável para a Igreja é o fortalecimento e a ampliação de estratégias, forças e modalidades de evangelização. O documento cita mais vezes este aspecto:

99. /.../ a) Devido a animação bíblica da pastoral, aumenta o conhecimento da Palavra de Deus e do amor por ela. Graças à assimilação do Magistério da Igreja e a uma melhor formação de generosos catequistas, a renovação da Catequese tem produzido fecundos resultados em todo o Continente, chegando inclusive a países da América do Norte, Europa e Ásia, para onde muitos latino-americanos e caribenhos têm emigrado.

377. /.../. Os emigrantes são igualmente discípulos e missionários, e são chamados a ser uma nova semente de evangelização, a exemplo de tantos emigrantes e missionários que trouxeram a fé cristã a nossa América.

413. /.../ Creemos que “a realidade das migrações não deve nunca ser vista só como um problema, mas também e sobretudo, como um grande recurso para o caminho da humanidade”238.

415. Os migrantes devem ser acompanhados pastoralmente por suas Igrejas de origem e estimulados a se fazer discípulos e missionários nas terras e comunidades que os acolhem, compartilhando com eles as riquezas de sua fé e de suas tradições religiosas. Os migrantes que partem de nossas comunidades podem oferecer uma valiosa contribuição missionária às comunidades que os acolhem.

491. Queremos felicitar e incentivar /.../ E “o vastíssimo lugar da cultura, da experimentação científica, das relações internacionais”273.

A “ocasião propícia” que a mobilidade humana é e representa tange também no que se refere a outros temas fundamentais no processo de renovação da igreja perante a necessidade de potenciar e qualificar sua organização e ação na missão evangelizadora incultura da, quais: a formação de agentes (n. 99); a superação da tentação de homologação e uniformismo paralisante mesmo na igreja (nn. 43, 56, 59, 170); o compromisso de participação no macro-processo de integração latino-americana (n. 82); o dinamismo missionário intrínseco à vocação e identidade da igreja, que pode ter na migração mais motivação, estímulo e testemunho (nn. 377, 413, 415); a ampliação das possibilidades e dos canais de evangelização através do desenvolvimento da tecnologia e do turismo (n. 493); e, a unidade fé-vida, que leva a produzir processos inovadores em seio às comunidades territoriais, para que os desafios que os crentes vivem na sociedade, no trabalho e nas relações sociais sejam iluminados e gerenciados com a sabedoria e os recursos da fé e da vivência comunitária. Aspecto este que a igreja considera sua vocação e tarefa específica nos contextos onde os fluxos populacionais não mais intensos (n. 414).

Como aparece dos textos citados acima, existem elementos de produzem “condição favorável” para a humanidade, que acontecem e fazem acontecer na mobilidade humana e através desta, quais a unidade entre os povos, como sonhava Scalabrini, novas relações internacionais entre os Estados a causa dos movimentos de cidadãos, os encontros de povos, culturas e mentalidades que

se mesclam, se renovam e se fecundam reciprocamente, a divulgação e a multiplicação de saberes, entre outros.

3. Elementos para um planejamento pastoral-missionário em contexto de mobilidade humana

Os textos do DA deixam emergir uma consciência da missão da igreja junto e por causa dos povos em mobilidade, que recebe força e categorias típicas das realidades contingentes onde a história e os passos de tais protagonistas constituem a história e os passos das respectivas comunidades que os acolhem ou os abençoam quando iniciam ou retomam a caminhada. A Terceira Parte do DA, sobre “A vida de Jesus Cristo para nossos povos” apresenta a ação da igreja, aquela que acontece nas realidades locais, para ser qualificada, fortalecida e ampliada, e a que pode nascer e crescer à luz deste marco importante que é a Conferência de Aparecida. Seguem os textos dos 13 números da última parte do Documento, referentes à mobilidade humana:

377. Os discípulos, que por essência são também missionários em virtude do Batismo e da Confirmação, são formados com um coração universal, aberto a todas as culturas e a todas as verdades, cultivando a capacidade de contato humano e de diálogo. Estamos dispostos com a coragem que nos dá o Espírito, a anunciar a Cristo onde não é aceito, com nossa vida, com nossa ação, com nossa profissão de fé e com sua Palavra. Os emigrantes são igualmente discípulos e missionários, e são chamados a ser uma nova semente de evangelização, a exemplo de tantos emigrantes e missionários que trouxeram a fé cristã a nossa América.

402. A globalização faz emergir em nossos povos, novos rostos pobres. Com especial atenção e em continuidade com a Conferências Gerais anteriores, fixamos nosso olhar nos rostos dos novos excluídos: os migrantes, as vítimas da violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e seqüestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os tóxico-dependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da violência, da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados (as), os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem terra e os mineiros. A Igreja, com sua Pastoral Social, deve dar acolhida e acompanhar esta pessoas excluídas nas esferas a que correspondam.

8.6.2 Migrantes

411. É expressão de caridade, também eclesial, o acompanhamento pastoral dos migrantes. Há milhões de pessoas que por diferentes motivos estão em constante mobilidade. Na América Latina e Caribe os emigrantes, deslocados e refugiados sobretudo por causas econômicas, políticas e de violência constituem um fato novo e dramático.

412. A Igreja, como Mãe, deve se sentir como Igreja sem fronteiras, Igreja familiar, atenta ao fenômeno crescente da mobilidade humana em seus diversos setores. Considera indispensável o desenvolvimento de uma mentalidade e uma espiritualidade a serviço pastoral dos irmãos em mobilidade, estabelecendo estruturas nacionais e diocesanas apropriadas, que facilitem o encontro do estrangeiro com a Igreja local de acolhida. As Conferências Episcopais e as Dioceses devem assumir profeticamente esta pastoral específica com a dinâmica de unir critérios e ações que favoreçam uma permanente atenção também aos migrantes, que devem chegar a ser também discípulos e missionários.

413. Para conseguir este objetivo, faz-se necessário reforçar o diálogo e a cooperação de saída e de acolhida entre as Igrejas, a fim de dar uma atenção comunitária e pastoral aos que estão em mobilidade, apoiando-os em sua religiosidade e valorizando suas expressões culturais em tudo aquilo que se refira ao Evangelho. É necessário, que nos Seminários e Casas de formação se tome consciência sobre a realidade da mobilidade humana, para dar a esse fenômeno uma

resposta pastoral. Também se requer a preparação de leigos que com sentido cristão, profissionalismo e capacidade de compreensão, possam acompanhar aqueles que chegam, como também as famílias que deixam nos lugares de saída²³⁷. Cremos que “a realidade das migrações não deve nunca ser vista só como um problema, mas também e sobretudo, como um grande recurso para o caminho da humanidade”²³⁸.

414. Entre as tarefas da Igreja a favor dos migrantes está indubitavelmente a denúncia profética dos atropelos que sofrem frequentemente, como também o esforço por incidir, junto aos organismos da sociedade civil, nos governos dos países, para conseguir uma política migratória que leve em consideração os direitos das pessoas em mobilidade. Deve ter presente também os deslocados pela violência. Nos países açoitados pela violência se requer a ação pastoral para acompanhar as vítimas e oferecer-lhes acolhida e capacitá-los para que possam viver de seu trabalho. Ao mesmo tempo, deverá aprofundar seu esforço pastoral e teológico para promover uma cidadania universal na qual não haja distinção de pessoas.

415. Os migrantes devem ser acompanhados pastoralmente por suas Igrejas de origem e estimulados a se fazer discípulos e missionários nas terras e comunidades que os acolhem, compartilhando com eles as riquezas de sua fé e de suas tradições religiosas. Os migrantes que partem de nossas comunidades podem oferecer uma valiosa contribuição missionária às comunidades que os acolhem.

416. As generosas remessas enviadas pelos imigrantes latino-americanos a partir dos Estados Unidos, Canadá, países europeus e outros, evidencia sua capacidade de sacrifício e amor solidário a favor das próprias famílias e pátrias de origem. É, geralmente, ajuda dos pobres para os pobres.

445. Estão muito afetados por uma educação de baixa qualidade, que os deixa por baixo dos níveis necessários de competitividade, somado aos enfoques antropológicos reducionistas, que limitam seus horizontes de vida e dificultam a tomada de decisões duradouras. Vê-se ausência de jovens na esfera política devido á desconfiança que geram as situações de corrupção, o desprestígio dos políticos e a procura de interesses pessoais frente ao bem comum. Constata-se com preocupação suicídios de jovens. Outros não tem possibilidades de estudar ou trabalhar e muitos deixam seus países por não encontrar neles um futuro, dando assim ao fenômeno da mobilidade humana e da migração um rosto juvenil. /./.

491. Queremos felicitar e incentivar a tantos discípulos e missionários de Jesus Cristo que, com sua presença ética coerente, continuam semeando os valores evangélicos nos ambientes onde tradicionalmente se faz cultura e nos novos lugares: o mundo das comunicações, a construção da paz, o desenvolvimento e a libertação dos povos, sobretudo das minorias, a promoção da mulher e das crianças, a ecologia e a proteção da natureza. E “o vastíssimo lugar da cultura, da experimentação científica, das relações internacionais”²⁷³. Evangelizar a cultura, longe de abandonar a opção preferencial pelos pobres e pelo compromisso com a realidade, nasce do amor apaixonado por Cristo, que acompanha o Povo de Deus na missão de inculturar o Evangelho na história, ardente e infatigável em sua caridade humana.

493. Na cultura atual, estão se abrindo novos campos missionários e pastorais que se abrem. Um deles é, sem dúvida, a pastoral do turismo²⁷⁴ e do entretenimento, que tem um campo imenso de realização nos clubes, nos esportes, no cinema, centros comerciais e outras opções que diariamente chamam a atenção e pedem para ser evangelizados.

517. Reconhecendo e agradecendo o trabalho renovador que já se realiza em muitos centros urbanos, a V Conferência propõe e recomenda uma nova pastoral urbana que: /.../

i) Fomente a pastoral da acolhida aos que chegam à cidade e aos que já vivem nela, passando de um passivo esperar a um ativo buscar e chegar aos que estão longe com novas estratégias tais como visitas às casas, o uso dos novos meios de comunicação social e a constante proximidade ao que constitui para cada pessoa a sua cotidianidade. /.../

k) Procure a presença da Igreja, por meio de novas paróquias e capelas, comunidades cristãs e centros de pastoral, nas novas concentrações humanas que crescem aceleradamente nas periferias urbanas das grandes cidades devido às migrações internas e situações de exclusão;

519. No entanto, tudo o que foi dito anteriormente não tira a importância, de uma renovada pastoral rural que fortaleça os habitantes do campo e seu desenvolvimento econômico e rural, neutralizando as migrações. Deve-se anunciar a eles a Boa Nova para que enriqueçam suas próprias culturas e as relações comunitárias e sociais.

A Terceira Parte do DA toca muitos aspectos da realidade da mobilidade humana e sugere uma gama de indicações para o planejamento pastoral-missionário das comunidades cristãs. Para este espaço, focalizamos dois estágios diferentes do compromisso da igreja junto a migrantes, itinerantes, deslocados e refugiados, seguindo uma categorização já clássica com o foco nos protagonistas: pessoas e povos em mobilidade que deixam sua terra quando já receberam a fé e a vivem na igreja por um lado; e, por outro quantos emigram mas não participam efetivamente de alguma comunidade local, apesar de muitos serem batizados ou já tiverem vivo um caminho de fé, assim como os que chegam de outras terras e nunca receberam o *kerigma* ou simplesmente não acolheram Jesus Cristo como Senhor e Salvador, mesmo já tendo participado de experiências comunitárias em suas igrejas de origem ou de caminho. Tal categorização é somente para a reflexão e a análise dos percursos pastorais possíveis e necessários, mas é fundamental a superação deste esquema para que a “igreja em movimento” seja igreja com a igreja toda. Isto, sem vitimismos dos protagonistas nem discriminação ou abandono por parte da instituição e dos batizados que nunca viveram a experiência da migração, espontânea ou em algum modo forçada. A interrogação posta à missão da igreja é qual a tarefa e como se configura a comunidade e sua ação junto às as pessoas e povos em mobilidade. O DA traz algumas indicações claras e outras sugestões que poderão revelar sua potencialidade no acolhimento da inspiração que produz frutos em trinta, sessenta e cem, segundo todas as variáveis que a igreja bem conhece.

3.1 Pessoas e povos em mobilidade que deixam sua terra quando já receberam a fé e a vivem na igreja

Na Terceira Parte do DA o texto traz 6 (seis) números – de 411 a 416 - que constituem o ponto 8.6.2 sobre “Migrantes”, dentro do Capítulo 8 do DA, sobre “O Reino de Deus e a promoção humana”. A localização é clara, todavia, o desenvolvimento vai além da promoção humana de migrantes, deslocados e refugiados, assim como de todas as demais modalidades de movimentos populacionais, aqui indicados como itinerantes.

A primeira frase do n. 411, indica quais são os interlocutores a que se referem os textos, ao menos em modo preferencial⁴: “É expressão de caridade, também eclesial, o acompanhamento pastoral dos migrantes”. Trata-se de católicos em situação de migração, aos quais é garantido o direito de uma assistência pastoral específica, em base ao argumento que a pastoral territorial pode

⁴ Conceitos e categorias utilizadas no artigo mostram a indefinição ou a flexibilidade na abordagem dos conceitos necessários para tratar o tema das diferentes categorias de pessoas e povos em mobilidade. Dependendo do contexto e dos objetivos, foram utilizadas diferentes categorias. Seguindo o título do respectivo Conselho Pontifício, pode-se utilizar “migrantes e itinerantes”, recolhendo no segundo termo todas as demais categorias de pessoas em mobilidade pelas quais a Igreja entende fazer parte de sua missão um cuidado especial, cuja lista é sempre incompleta: prófugos, deslocados, refugiados, exilados, turistas, marinheiros, ciganos, circenses, migrantes temporários ou fronteiriços, caminhoneiros, moradores de rua, vítimas do tráfico de pessoas, estudantes estrangeiros... . A distinção principal a ser sublinhada, todavia, não é entre “migrantes econômicos” e migrantes por outras motivações respeito aos itinerantes; mas, pessoas que migram e pessoas que são obrigadas a migrar por alguma forma que possa indicar tal migração como migração forçada. Hoje reconhece-se também a pobreza ou a violação generalizada dos direitos humanos como uma situação que causa migrações forçadas, permanecendo o refugiado como o caso paradigmático de tal distinção. Considerando que a convenção de Genebra de 1951 relativa ao estatuto dos refugiados reconhece somente a migrantes internacionais, afirmou-se nos últimos decênios o uso do termo deslocados para indicar uma categoria específica de migrantes forçados, que não é homologável à condição de refugiados, por não terem amparo legal suficiente, sendo todavia homologada sua condição real (ou temida) de risco de vida que está à base de seu movimento migratório.

ser insuficiente, devido à sua específica condição de migrante. No texto do mesmo n. 411 do DA, o conceito se alarga para incluir todos os migrantes, deslocados e refugiados, cujo número cresce constantemente no continente e para fora dele, independentemente de sua religião ou credo. Esta vulnerabilidade textual indica uma extensão *de facto* do conceito “migrações” para todas as formas de mobilidade populacional e do conceito “pastoral” para toda a ação da igreja, superando o estereotipo de acompanhamento dos católicos e incluindo o ecumenismo, o dialogo e sobretudo a promoção e defesa da vida de toda pessoa em movimento.

Já o n. 412, seguindo o pensamento da primeira frase do ponto 8.6.2, retoma o tema das estruturas e dos critérios pastorais, falando sobretudo às igrejas locais. A sublinhar a eclesiologia que se busca promover ou a visão da igreja que é capaz de responder a este sinal dos tempos que interpela a ação e a identidade mesma da igreja: “A Igreja, como Mãe, deve se sentir como Igreja sem fronteiras, Igreja familiar”. O mesmo número conclui falando da missionariedade da igreja assim como ela é vivida e pode ser mais ainda desenvolvida pelos protagonistas mesmos dos movimentos populacionais: migrantes missionários. O argumento havia já sido sugerido no n. 377 falando de quantos, com a imigração no continente, o evangelizaram e no n. 99, quando lembra que entre os emigrantes da América Latina para outros países dentro do continente ou para fora do dele, muitos são catequistas e, para onde quer de se dirijam, tais permanecem e podem desenvolver importante missão nas igrejas de destino. Vale a ressalva que no n. 412 a referência aos migrantes é ligada à missão pelo “dever”. Não é claro a intenção do texto sobre o “dever” de se tornar missionários a que se solicita migrantes, igrejas, agentes pastorais e pastores, mas a vocação batismal de uns e de outros pode indicar com mais clareza o que o documento não quis ou não pode afirmar, que vai mais na direção da maturidade da fé, não somente de quem migra, mas também de quem acolhe ou deveria acolher quem migra, para integrar, com igual dignidade e possibilidades, na igreja não menos que na sociedade. O n. 415 explicitará a idéia nos termos de acolhida para que fortifiquem sua fé e saibam partilhá-la com discípulos missionários, como todos e todas os/as demais integrantes da comunidade cristã; e, ao mesmo tempo, para que levem a fé e os dons recebidos e saibam colocar-se a serviço da evangelização para onde quer que a migração os conduzir.

O n. 413 continua a perspectiva do precedente, com indicações concretas de metodologia e organização, sublinhando algumas prioridades. A frase conclusiva do número abre um leque muito maior do que é contemplado no restante do texto, pois esta a fundamento e declara a visão cristã da mobilidade humana: fenômeno intrínseco à historia da humanidade e potencialmente recurso desencadeador e realizador de desenvolvimento integral para todos os povos: “Cremos que a realidade das migrações não deve nunca ser vista só como um problema, mas também e sobretudo, como um grande recurso para o caminho da humanidade”.

3.2 Pessoas e povos em mobilidade que emigraram, sem participar efetivamente de alguma comunidade local, apesar de muitos serem batizados ou já terem vivo um caminho de fé; assim como pessoas e povos em mobilidade que chegam de outras terras e nunca receberam o kerigma ou simplesmente não acolheram Jesus Cristo como Senhor e Salvador, mesmo já tendo participado de experiências comunitárias em suas igrejas de origem ou de caminho, ou independentemente de sua situação religiosa

Esta “categoria”, forçadamente inserida neste artigo para tentar um aprofundamento qualitativo na reflexão e uma auto-crítica das obviedades que agentes e pensadores “clássicos” do tema arriscamos de assumir, sugere um panorama indiferenciado, como é a realidade de fato dos movimentos populacionais, sobretudo em direção de grandes e médias cidades que, simbolicamente, ainda atraem população sob a promessa de vida melhor, seja em nível nacional que internacional. Neste panorama “indiferenciado”, inclusivo de todas as diferenças e perfis de pessoas

e de grupos de migrantes, a igreja tem experiência e bastante reflexão. Desde Scalabrini, uma das estratégias mais prometedoras é o investimento em recursos humanos. Ele havia optado pelas fundações⁵ como principal estratégia de seu projeto sócio-pastoral; hoje a formação dos leigos parece ser o lema distintivo desta visão. E o DA o reforça: “se requer a preparação de leigos que com sentido cristão, profissionalismo e capacidade de compreensão, possam acompanhar aqueles que chegam, como também as famílias que deixam nos lugares de saída” (n. 413). O primeiro ato é o de compreender o fenômeno com os olhos da fé e reservar a seus protagonistas a acolhida e a dignidade de filhos de Deus, muito além de sua situação de fé, de religião ou de condição socioeconômica ou jurídica e cultural. O mesmo n. 413, além de referir-se aos leigos, dá indicação e motivação clara sobre a formação de agentes e de ministros ordenados: “É necessário, que nos Seminários e Casas de formação se tome consciência sobre a realidade da mobilidade humana, para dar a esse fenômeno uma resposta pastoral”.

Como abordagem preferencial às pessoas em mobilidade, como tradicionalmente a igreja tem orientado, a defesa da vida e dos direitos precede todo e qualquer planejado percurso pedagógico-pastoral de anúncio ou de catequese, de serviço ou de formação. E o n. 414 formaliza claramente esta convicção. Independentemente de religião e de credo, migrantes, itinerantes e todas as pessoas que vivem migrações forçadas – além de quanto já declarado no n. 231 sobre o ecumenismo e ampliando o significado para incluir o diálogo inter-religioso e o esforço intercultural intra-ecclesial, a causa das diferenças de mentalidade e de tradição cristã dentro da mesma igreja – as pessoas em mobilidade são destinatárias e interlocutoras da missão da igreja e das relações que os batizados estabelecem em nome de Cristo. Sem nada exigir em troca ou como condição para tal relação e/ou cuidado. Em nome de Cristo.

No capítulo 9 do DA sobre “família, pessoas e vida”, mais uma frase sobre a mobilidade humana entrou no texto final do n. 445, sobre “jovens e adolescentes”. Em poucas linhas diversos temas pertinentes são enunciados, apesar da colocação ser discutível. Para todos os temas, a preocupação nasce de uma visão antropológica cristã da pessoa, neste caso da pessoa jovem de idade, e das implicações que a realidade hodierna destas pessoas tem ou poder revelar-se no fenômeno da mobilidade geográfico-cultural. O contexto é o do compromisso pastoral da igreja pelos seus filhos e filhas em mobilidade, e o âmbito citado sugere que trata-se de fazer memória da vivência da fé a que os cristãos e as cristãs são chamados/as dentro dos mais diferentes contextos e âmbitos sociais e culturais; para que, pelo serviço e o testemunho, nunca deixem de incluir em suas vivências, o anúncio do amor com que Deus ama seus filhos e filhas que migram e a esperança a que são chamados/as, nos e apesar dos caminhos e atalhos da vida e das mobilidades.⁶

Independentemente da condição dos migrantes, se crentes ou não, os últimos dois números do DA que fala sobre a mobilidade humana, refere-se a todos e todas as pessoas migrantes e itinerantes, no quadro da pastoral urbana (n. 517) e da pastoral rural (n. 519). Enquanto este recomenda uma presença e uma ação eclesial que promova o direito a não migrar; aquele, solicita a igreja para que, através de sua ação, promova também a formação de comunidades efetivas, de relações e de ações de defesa dos direitos e promoção da vida de quantos, tendo emigrado para as cidades, sofrem por causa da nova realidade onde se encontram e necessitam de uma pastoral adequada. O foco está em uma igreja que saiba marcar presença, na acolhida e capacidade de ser incisiva nessas específicas situações e âmbitos sociais nos quais os discípulos missionários, como

⁵ As três fundações de João Batista Scalabrini pela causa dos emigrantes foram: em 1887 a congregação dos missionários de São Carlos - Scalabrinianos; em 1889 a Associação São Rafael e em 1895 a congregação das irmãs missionárias de São Carlos Borromeo, conhecidas também como Scalabrinianas.

⁶ O termo “mobilidades”, utilizado no plural, indica segundo estudos recentes, a necessidade de se considerar a profunda diferença entre a mobilidade interna e aquela internacional, mas sobretudo a mobilidade glocalizada como podem ser o pendularismo e a circularidade, da “mobilidade virtual” de quem nunca sai de sua cidade, mas “vive o mundo” através da mídia e das diferentes formas de vivência inter- e transnacional, pelo estudo, pelas imagens e pelas relações.

os homens e as mulheres que migram, não podem não buscar estratégias, modalidades e ações para ser-e-estar-com.

Considerando que o compromisso pela vida e pelos direitos humanos, sobretudo em situações de vulnerabilidade e quando os mesmos são ameaçados em nível individual ou generalizado, o tema merece um destaque de como é apresentado no DA. É o objetivo do último ponto desenvolvido no presente artigo.

4. Compromisso pelos direitos humanos de migrantes, itinerantes e refugiados

Apesar do DA ter somente três partes, que em certo modo são retomados pelos itens acima, a importância do tema dos direitos humanos das pessoas e povos em mobilidade merecem um destaque específico. O primeiro a ser citado é um dos últimos números do DA, onde a referência aos direitos humanos é o compromisso por excelência, confirmado e sublinhado pelos Pastores reunidos em Aparecida. Seguem outros números já indicados mais acima:

550. É o próprio Papa Bento XVI, quem nos convida a “uma missão evangelizadora que convoque todas as forças vivas deste imenso rebanho” que é povo de Deus na América Latina e no Caribe: “sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos que se doam, muitas vezes com imensas dificuldades, para a difusão da verdade evangélica”. É um afã e anúncio missionários que precisa passar de pessoa a pessoa, de casa em casa, de comunidade a comunidade. “Neste esforço evangelizador – prossegue o Santo padre – a comunidade eclesial se destaca pelas iniciativas pastorais, ao enviar, sobretudo entre as casas das periferias urbanas e do interior, seus missionários, leigos e religiosos, procurando dialogar com todos em espírito de compreensão e de delicada caridade”. Essa missão evangelizadora abraça com o amor de Deus a todos e especialmente aos pobres e aos que sofrem. Por isso, não pode se separar da solidariedade com os necessitados e de sua promoção humana integral: “Mas se as pessoas encontradas estão em uma situação de pobreza – diz-nos ainda o Papa – é necessário ajudá-las, como faziam as primeiras comunidades cristãs, praticando a solidariedade, para que se sintam amadas de verdade. O povo pobre das periferias urbanas ou do campo necessitam sentir a proximidade da Igreja, seja no socorro de suas necessidades mais urgentes, como também na defesa de seus direitos e na promoção de uma sociedade fundamentada na justiça e na paz. Os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho e um Bispo, modelado segundo a imagem do Bom Pastor, deve estar particularmente atento para oferecer o divino bálsamo da fé, sem descuidar do ‘pão material’”.

O compromisso da igreja pela vida e pelos direitos humanos de migrantes, itinerantes e refugiados aparece em todo o documento. Enquanto denuncia realidades de violação e de vulnerabilidade, o DA lembra qual o imperativo pela defesa da vida e da dignidade humana que interpela os cristãos e suas instituições, e que tem o contexto da mobilidade humana como âmbito desafiador e interpelante. Seguem alguns destaques, para sublinhar como este compromisso pela vida das pessoas em mobilidade vai muito além da tradicional visão dos migrantes como sendo sempre e somente pobres e vítimas, sem recursos nem potencialidades para si e para as sociedades implicadas em seus movimentos.

48. Nesta hora da América Latina e do Caribe, é imperativo tomar consciência da situação precária que afeta **a dignidade de muitas mulheres**. Algumas desde crianças e adolescentes, são submetidas a múltiplas formas de violência dentro e fora de casa: **tráfico...**

73. Um dos fenômenos mais importantes em nossos países é o processo de mobilidade humana, em sua dupla expressão de migração e de itinerância em que milhões de pessoas migram ou se vêm **forçadas a migrar dentro e fora de seus respectivos países**.

82. Na América Latina e no Caribe vê-se com bons olhos uma crescente vontade de integração regional /.../. À origem comum unem-se a cultura, a língua e a religião que podem contribuir **para que a integração não seja só de mercados, mas de instituições civis e de pessoas.**

402. A globalização faz emergir em nossos povos, novos rostos pobres. Com especial atenção e em continuidade com a Conferências Gerais anteriores, fixamos nosso olhar nos **rostos dos novos excluídos: os migrantes, as vítimas da violência, os deslocados e refugiados /.../. A Igreja, com sua Pastoral Social, deve dar acolhida e acompanhar esta pessoas excluídas** nas esferas a que correspondam.

414. Entre as tarefas da Igreja a favor dos migrantes está indubitavelmente a **denúncia profética** dos atropelos que sofrem frequentemente, como também o esforço por incidir, junto aos organismos da sociedade civil, nos governos dos países, para conseguir uma **política migratória** que leve em consideração **os direitos das pessoas em mobilidade**. Deve ter presente também os **deslocados pela violência**. Nos países açoitados pela violência se requer a ação pastoral para **acompanhar as vítimas** e oferecer-lhes acolhida e **capacita-los** para que possam viver de seu trabalho. Ao mesmo tempo, deverá aprofundar seu esforço pastoral e teológico para **promover uma cidadania universal na qual não haja distinção de pessoas.**

445. /.../ Outros **não tem possibilidades de estudar ou trabalhar e muitos deixam seus países por não encontrar neles um futuro**, dando assim ao fenômeno da mobilidade humana e da migração um rosto juvenil. Preocupa também o **uso indiscriminado e abusivo que muitos jovens fazem da comunicação virtual.**

CONCLUSÃO

A referência ao novo Pentecostes do n. 548 do DA é sugestivo; e, colocado entre os últimos números do Documento, sugere que a diversidade, não somente cultural, que é uma marca tão forte na igreja e no contexto em que se insere na América Latina, diz também que tal diversidade não é vivida como ameaça ou como problema, mas sobretudo como *kairós* e como processualidade intrínseca à vida dos povos destas terras, que nas migrações tem seu paradigma mais claro. Um paradigma que indica como a diversidade seja e possa ser riqueza a partilhar e potencialidade a desenvolver, para as pessoas que as vivem, seus grupos, seus territórios e para a missão evangelizadora da Igreja no mundo contemporâneo.

548. Esta V Conferência, recordando o mandato de ir e fazer discípulos (cf. Mt 28,20), deseja despertar a Igreja na América Latina e no Caribe para um grande impulso missionário. Não podemos deixar de aproveitar esta hora de graça. Necessitamos de um novo Pentecostes! Necessitamos sair ao encontro das pessoas, das famílias, das comunidades e dos povos para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo, que tem preenchido nossas vidas de “sentido”, de verdade e de amor, de alegria e de esperança! Não podemos ficar tranquilos em espera passiva em nossos templos, mas é imperativo ir em todas as direções para proclamar que o mal e a morte não tem a última palavra, que o amor é mais forte, que fomos libertos e salvos pela vitória pascal do Senhor da história, que Ele nos convoca na Igreja, e quer multiplicar o número de seus discípulos na construção de seu Reino em nosso Continente! Somos testemunhas e missionários: nas grandes cidades e nos campos, nas montanhas e florestas de nossa América, em todos os ambientes da convivência social, nos mais diversos “lugares” da vida pública das nações, nas situações extremas da existência, assumindo ad gentes nossa solicitude pela missão universal da Igreja.

Enfim, segue como um elenco, alguns temas que deixam a desejar no DA e são portanto entregues aos leitores para que integrem a reflexão sucessiva à formação do texto com o olhar e a mente atenta aos direitos humanos das pessoas em mobilidade e ao sinal dos tempos que o

respectivo fenômeno é e representa para a igreja. Entre esses lembramos que a imigração no continente é mais complexa de quanto apresentado sobre as grandes raízes culturais indicadas no início do DA, referindo-se somente a africanos e europeus. Na América Latina existe também uma significativa presença de pessoas provenientes do Oriente Médio e do continente Asiático, assim como seus descendentes. Outro ponto que deixou a desejar por ser escassamente apresentado sobre o tema da mobilidade humana é a emigração para fora do continente e alguns fluxos particularmente intensos entre certos países do continente, movimentos estes que desafiam as políticas e a presença e ação da igreja no território. O tema das remessas, apresentado duas vezes no documento, elogia-as, mas nada indica respeito a sua qualidade, aos custos que representam para quem as envia, ao utilizo que é feito destas por quem as recebe e às conseqüências desse fenômeno na vida, sobretudo, de adolescentes e jovens “mantidos à distancia” por figuras parentais com os quais mantêm, normalmente, relações transnacionais. Enfim, o texto carece de uma maior atenção ao imperativo missionário *ad gentes migrantes*: não aparece uma atenção pelas pessoas que, migrando, perderam ou estão perdendo a fé e a pertença à igreja, assim como para aqueles e aquelas que, quem sabe através das migrações, encontram o Senhor e a sua comunidade, próprio pelo anuncio, testemunho e pelo saber dar razão de sua fé por parte dos cristãos e das comunidades de acolhida ou de passagem. Focalizado quase unicamente em possíveis interlocutores católicos, o DA não fecha mas nem apresenta suficientemente a missão *ad migrantes*, como missão de anuncio e de catequese.

Bibliografia essencial sobre o DA

Aparecida Esperanza para América Latina y El Caribe. Medellín, vol XXXIII, n. 130, junio 2007.

Aparecida: horizontes de anseios e esperanças. Revista Espaços, vol 15, n. 1, 2007.

Perspectivas Teológicas de Aparecida. Medellín, vol XXXIII, n. 131, septiembre 2007.

Ruma à Assembléia de Aparecida. Revista Dominicana de Teologia, ano 2, n. 4, 2007.

V Conferência Geral do Episcopado latino-americano e Caribenho. Encontros Teológicos, ano 21, n. 3, 2006.